

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO: Os resultados de um curso de LIBRAS nas relações comunicativas entre estudantes Surdos e ouvintes

Marina Santana dos Santos¹
Marlene Rodrigues²

RESUMO

A inclusão de estudantes surdos na escola regular e, conseqüentemente na sociedade, caminha paralelamente à urgência de preparar os estudantes ouvintes para acolherem os discentes surdos na convivência. Nesse sentido, a presente pesquisa parte da problemática: de que modo o ensino de Libras pode contribuir para o desenvolvimento de ações comunicativas entre estudantes surdos e ouvintes, na perspectiva de inclusão dos estudantes surdos? A pesquisa foi conduzida com o objetivo de avaliar as contribuições do curso básico de LIBRAS para estudantes ouvintes e a sua utilização na comunicação com estudantes surdos em uma escola pública do município de Ariquemes / Rondônia. De acordo com a abordagem, trata-se de uma pesquisa-ação desenvolvida no segundo semestre de 2018. Os instrumentos utilizados foram a observação e a entrevista semiestruturada. Ao se averiguar que, nem sempre os estudantes surdos matriculados em classes regulares são acompanhados por intérpretes, ofertou-se um curso básico de Libras, com carga horária de 40 horas para estudantes ouvintes e com a colaboração do discente surdo. A entrevista semiestruturada possibilitou o contato e o diálogo dos alunos com a pesquisadora e com a finalidade de ouvir os participantes da pesquisa, caracterizando a fase de avaliação da pesquisa-ação realizada. A análise de dados foi realizada na perspectiva de análise de conteúdos proposta por Bardin (1977). A culminância da ação resultou na confecção de material pedagógico de apoio em Libras que foi disponibilizado para a Secretaria de Educação do Estado de Rondônia. Os resultados apresentados e analisados mostram que a pesquisa-ação proposta contribuiu para uma melhor interação entre os discentes, a partir do curso de LIBRAS, passaram a se comunicar e incluir o estudante surdo em todos os contextos do cotidiano escolar.

Palavras-chave: Inclusão, Surdos, Ouvintes, Língua de Sinais, Relações Comunicativas.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa partiu das indagações pertinentes às relações interpessoais, comunicativas e educacionais entre estudantes surdos e ouvintes na escola regular a qual o surdo está inserido, que com frequência, contrasta com os objetivos da educação especial numa perspectiva inclusiva, pois ainda é possível identificar os estudantes surdos completamente isolados do grupo social, ou seja, distante de seus colegas ouvintes de sala de aula.

¹ Mestra em Educação da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, marina.santos@ifro.edu.br;

² Doutora em Educação Escolar pela Faculdade de Ciências e Letras - Campus Araraquara (FCLAr) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, marlenerodrigues.rodrigues658@gmail.com

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa consistiu em identificar quais os efeitos de um curso básico de LIBRAS nas relações comunicativas entre estudantes surdos e ouvintes e, conseqüentemente, no processo de inclusão escolar.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, crendo que essa opção permite entender e interpretar as ações sociais por meio do planejamento da ação, tendo como metodologia adotada para responder os objetivos propostos à pesquisa-ação. Levamos em consideração a observação não participante, que ajudou na coleta, na análise e na compreensão da pesquisa como um todo.

A escola selecionada foi a Escola Estadual Anísio Teixeira no município de Ariquemes- RO. Optou-se pela escolha da turma do segundo ano do ensino médio, por sugestão da gestão e da coordenadora da sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola.

A população da pesquisa foi de 40 discentes ouvintes e 01 estudante Surdo, sendo que a adesão do grupo foi realizada de forma voluntária e os nomes dos participantes foram substituídos para garantir o sigilo.

Foram realizados os levantamentos bibliográficos sobre as bases teóricas do tema abordado e sobre a realidade da escola, em seguida, a coleta de dados, usando a técnica de observação não participante, após constou com um plano de ação como parte efetiva da execução do planejamento de um curso de LIBRAS destinado aos alunos ouvintes, tendo a participação efetiva do aluno Surdo em todas as aulas. O curso foi com carga horária de 40 horas, realizado no período de dois meses e meio (10 semanas).

Desta forma, realizou-se o estudo acerca dessas relações no contexto sócio educacional que aliado às possibilidades de ações de intervenção resultou em mudanças nessa realidade, dando ao discente surdo mais oportunidade e igualdade tendo na Língua Brasileira de Sinais o fator fundamental nessas relações. Também foram organizados juntamente com os discentes ouvintes e surdo, uma sessão de entrevista coletiva que permitiu o contato e o diálogo dos estudantes com a pesquisadora e, por último, foi realizada a análise de dados, na perspectiva da Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1977), utilizando-se, para tanto, procedimentos de análise de conteúdo.

Nesse ínterim, nas linhas que seguem, partindo das revisões prévias que conduziu a pesquisadora a compreender o processo que se dá para a inclusão efetiva do estudante surdo, em seções é exposto todo o conteúdo e percurso da presente pesquisa.

METODOLOGIA

Para situar o debate sobre a inclusão de estudantes surdos, os artigos de periódicos especializados em educação possibilitaram uma visão rápida das tendências que vinham ocorrendo acerca do que foi produzido nos campos da educação, e que ao mesmo tempo permitisse constituir o problema a ser investigado.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi encaminhado o projeto de pesquisa para o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) para as devidas considerações via plataforma Brasil e sua aprovação consta no processo CAAE no 03594818.3.0000.5300 cujos cuidados quanto à preservação da imagem dos participantes foram tomados incluindo o uso de nomes fictícios para os participantes.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa a qual, entre outras características o pesquisador “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou de uma organização” (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 31). A abordagem qualitativa, nesta pesquisa, tem como objetivo entender e interpretar as ações sociais por meio do planejamento da ação, passando o pesquisador a investigar seu objeto de estudo para coletar dados e informações necessárias à sua pesquisa, que de acordo com Creswell (2010).

Diante disso, a metodologia adotada foi a pesquisa-ação. Esta é definida por Thiollent (1985,) como uma pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação para a resolução de um problema coletivo, onde os pesquisadores e os participantes estão envolvidos em um ciclo de planejamento e ação, visto que:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (p. 14)

Para Thiollent (1985), a pesquisa-ação proporciona a construção de conhecimentos capazes de transformar a realidade social, e isso é possível quando os sujeitos pesquisados são inseridos na ação ou na resolução de um problema coletivo para melhorar a prática docente.

Todos os protocolos exigidos para realização da pesquisa pelo comitê de ética foram cumpridos, os Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinados e explicados cujo conteúdo aponta os riscos que poderiam existir, bem como ficou assegurada a manutenção do sigilo da identidade e autorização de uso de imagem.

A fase de solicitação de aceitação e consentimento ou não dos pais/responsáveis foi precedida de uma reunião, com o apoio da direção e coordenação escola, visando divulgar aos pais/responsáveis e alunos sobre o projeto/course de Libras que trata sobre as relações comunicativas através da Língua de Sinais entre surdos e Ouvintes. Posterior aos esclarecimentos do projeto a etapa, compreendeu a aceitação e consentimento dos pais/responsáveis e alunos, lembrando que os pais têm livre escolha quanto à participação ou não na pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A concepção que se tem a respeito da deficiência reflete com nitidez, em todos os momentos, os interesses sociais, religiosos, morais, éticos, políticos e econômicos privilegiados em cada período histórico, ou seja, o modo pelo qual o homem era considerado nas diferentes culturas.

As primeiras menções citadas por Oliveira (2011) explicam que as pessoas com deficiência sofriam discriminação a tal ponto de serem mortas, e isso estava presente em muitas culturas e povos. Não era dada nem mesmo a chance de que esses indivíduos convivessem naquela sociedade.

De acordo com Bueno (1994), Omote (1999), Jannuzzi (2004), considerar que há quatro fases de fundamental importância e que são determinantes para a compreensão do histórico da concepção de deficiência. Segundo Bueno (1993, p.55-56):

Na era pré-cristã, tendia-se a negligenciar e a maltratar [...]. Num segundo estágio, com a difusão do cristianismo, passou-se a protegê-los e compadecer-se deles. Num terceiro período, nos séculos XVIII e XIX, foram fundadas instituições para oferecer-lhes uma educação à parte. Finalmente, na última parte do século XX, observa-se um movimento que tende a aceitar as pessoas deficientes e a integrá-las, tanto quanto possível.

O que se nota ao longo da história é que a presença das pessoas com deficiência na sociedade impulsionou diversos movimentos educacionais voltados para o atendimento educacional, cada um no seu tempo, mas nos moldes do pensamento da sociedade e consolidando os diversos paradigmas em torno da educação dos mesmos.

Uma proposta de reestruturação que na verdade não passava, segundo Carvalho (2009, p. 91), de uma artimanha do estado capitalista, “articuladas às reformas impostas pela reestruturação produtiva que passaram a ocorrer nas últimas décadas do século XX”. Essa



articulação não ocorreu somente nos Estados Unidos, ela se expandiu pelo mundo, chegando até nos países de economia em desenvolvimento.

Nos anos de 1980, o Brasil foi marcado por diversos movimentos sociais que contribuíram para a luta das pessoas com deficiência. No segmento acadêmico surgem diferentes entendimentos a respeito do processo de aprendizagem, que conseqüentemente chegam à conclusão de que, “não é a pessoa que tem que se ajustar ao meio, mas a sociedade que deve garantir os suportes necessários para que todos possam usufruir a vida em comunidade” Carvalho (2009, p. 92).

Segundo Pietro (2006), contrariamente ao movimento da integração, o objetivo na inclusão escolar é tornar reconhecida e valorizada a diversidade como condição humana favorecedora da aprendizagem. Desse modo, ao invés de “aproximar” o estudante com deficiências dos chamados padrões de normalidade, a ênfase está na identificação de suas potencialidades, finalizando com a construção de escolhas para garantir condições favoráveis à sua autonomia escolar e social.

A LIBRAS NA COMUNICAÇÃO ENTRE SURDOS E OUVINTES: INTERFACES NAS RELAÇÕES COMUNICATIVAS.

É interessante como detalhes relativos a alguns elementos contidos no processo de comunicação entre pessoas, às vezes passam despercebidos de tão comuns e corriqueiros que são, não nos deixando perceber as interfaces contidas no ato comunicativo. No caso da relação estabelecida entre surdos e ouvintes, este fato é um pouco mais evidentes, tendo em vista que “A linguagem é um instrumento facilitador de aproximação entre as pessoas desde os mais primórdios dos tempos, quer seja de forma oral, simbólica, escrita ou gesto-visual.” (GÓIS; et. al, 2016, p. 1).

A comunicação e a linguagem estão na base das relações estabelecidas em uma sociedade, por isso, Silva; Gomes (2018, p. 60) afirmam que “a inclusão de pessoas surdas na sociedade faz-se necessária para a melhor interação com o mundo oralizado. Requer também compreender a relação interpessoal Surdo-ouvinte, tendo em vista que a inclusão não é um processo que se dá isoladamente na sociedade”.

A verdade é que a comunicação pode ser entendida como um fator determinante nos processos de Inclusão Social da pessoa com deficiência auditiva visto que:



[...] a comunicação é fator preponderante para que haja troca de experiências, conhecimentos, valores, culturas, integração do sujeito em seus diferentes espaços, contribuindo para uma participação social plena (GÓIS; et. al, 2016, p. 1).

Seguindo esta perspectiva, podemos aferir a importância da linguagem, pois, sem a mesma torna-se impossível aprofundar as relações pelo fato de não se poder desenvolver um diálogo a respeito dos sentimentos, emoções, dúvidas, ponto de vista, valores sociais e etc. (LACERDA, 2006).

Segundo Gomes (2007), ao longo dos tempos, a comunicação sempre foi entendida como uma das bases que sustentam e estruturam a sociedade, que está no centro dos fatores responsáveis pelo fortalecimento das relações humanas. Seguindo nesta perspectiva, podemos perceber que a inclusão de pessoas surdas diz respeito a todo um grupo social que envolve família, professores, comunidade escolar com o único objetivo de construir uma sociedade justa (FUKUSHIMA, 2008, p. 1).

Percebe-se que as interfaces da comunicação entre Surdo-ouvinte podem ser consideradas como elementos importantes para a inclusão social da pessoa surda e que sua efetividade depende da construção de uma relação respeitosa da sociedade para com as necessidades e a cultura da pessoa surda. Isto porque, “conforme contemplado no Parecer nº17/2001–CNE/CEB, é direito da pessoa surda, como de todos os cidadãos, sentir-se e perceber-se parte integrante da vida social” (FUKUSHIMA, 2008, p. 1). Para tanto, é necessário que o surdo e o ouvinte compartilhem a mesma língua em totais condições de igualdade, tendo em vista que:

É a língua, como sistema de signos, que permite a interação entre indivíduos e o partilhar de uma mesma cultura. É também pela linguagem e na linguagem que os conhecimentos são construídos, pois, ao partilharem um sistema de signos constitutivos de uma língua, estes sujeitos podem, além de desenvolverem uma compreensão mútua, colocar em circulação os múltiplos sentidos presentes na linguagem, configurando, assim, a polissemia constitutiva desta. (LODI; LACERDA, 2014, p.13)

Neste aspecto, alguns autores vão além, ao afirmar que o maior limitante do processo de inclusão do surdo na sociedade não está necessariamente no surdo e sim na sociedade como um todo em virtude de sua longa tradição monolíngüística e por falta de um sistema de educação eficiente estas pessoas não desenvolvem a curiosidade e o interesse por aprender a língua e a cultura de minorias como é o caso das pessoas surdas (VASCONCELOS et al., 2016). As limitações do processo comunicativo fazem com que a relação Surdo-ouvinte não aconteça em pé de igualdade, tendo em vista que:

No processo de importância da interação através da linguagem é que se percebe o quanto o surdo fica em desvantagem por ser usuário de uma língua que, na maioria dos espaços que ele frequenta, poucas ou quase nenhuma das pessoas conseguem se comunicar usando a Libras. Percebe-se através da fala dos próprios alunos surdos que eles encontram dificuldades para se comunicarem não só na sociedade, como também com os pais e irmãos, pois os familiares também não usam a língua de sinais, o que implica não conseguir entender e nem ser entendido dentro do próprio ambiente familiar (VASCONCELOS et al., 2016, p. 71).

Deste modo, é possível afirmar que o primeiro desafio enfrentado pelas pessoas surdas é conseguir desenvolver um processo comunicativo eficiente com seus familiares. Tal fato limita a aquisição de valores culturais e hábitos construídos historicamente pela sua família dentro do contexto social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados foi realizada na perspectiva da Análise do Conteúdo, utilizando como embasamento teórico Laurence Bardin. Segundo Bardin (1977), a Análise de Conteúdo possibilita, em um tempo maior, diagnosticar hipóteses levantadas no início do processo ou explorar melhor os dados coletados, identificando temáticas não expostas explicitamente, todavia, arraigadas no discurso e comportamento do sujeito pesquisado.

Sobre os fatores que inviabilizam a inclusão escolar / social do estudante Surdo foi o assunto mais emergente em todos os discursos dos participantes. Na maioria das conversas esse fator ficou explícito. O estudante Surdo (ES) (2018) explicou:

Ninguém na minha sala sabe Língua de Sinais, apenas a intérprete, por isso eu converso apenas com ela, com a senhora da sala do AEE ou com surdos das outras salas. Se as pessoas aqui da sala soubessem Língua de Sinais seria muito mais fácil fazer os trabalhos, interagir com eles e até mesmo ter mais estímulo para vir estudar.

É evidente na fala do estudante Surdo que ter conhecimento da Língua de Sinais é fundamental para a comunicação. As pessoas com as quais ele tinha a opção de comunicação eram um número limitado em relação à quantidade de pessoas que o rodeavam rotineiramente na escola.

A pessoa surda além de sentir-se como estrangeiro dentro de seu próprio país, carece da intermediação de outra pessoa para conseguir esta comunicação, enfrenta também a própria barreira que existe pelo não conhecimento da sociedade em geral sobre essa língua

(LIBRAS). As dificuldades se estabelecem em sala de aula com professores e colegas. E por vezes a única companhia é da intérprete.

Os estudantes ouvintes também demonstram que a falta de conhecimento da Língua Brasileira de Sinais inviabiliza o contato com o estudante Surdo. Isso fica evidente quando o(a) discente P30 diz: *“A comunicação era péssima, não conseguia conversar com ele, ficávamos enrolando tentando entender. Tentávamos escrever, desenhar, mas mesmo assim não entendíamos.”*

Outra tentativa captada na fala de P11 foi a seguinte: *“Não entendia ele, então era na base da mímica que tentávamos uma comunicação”* (P6). A mímica era usada como recurso na tentativa de comunicação. No entanto, segundo a pesquisadora Surda Perlin (1998), a mímica por não ser uma língua e não ter os elementos básicos para o estabelecimento de uma comunicação, existe debilidade ou falha nas mensagens que são tentadas passar.

Mesmo existindo a vontade de se comunicar com aquele estudante, a falta de conhecimento da Língua que viabilize essa conversação era o fator principal para o não estabelecimento da comunicação.

O discente P19 disse que é preciso *“treinar mais diálogo. Porque em LIBRAS a gente aprende um assunto, depois já vai para outro, então fica bem difícil, até de memorizar, por isso seria melhor”*. É necessário que a prática de LIBRAS seja constante, acontecendo de forma usual e diária, pois é questão de memorização e aprendizado, se os alunos não praticarem os sinais aprendidos, usando em frases e colocações do cotidiano, vão acabar esquecendo em alguns dias, pois o ensino da LIBRAS exige prática e conversação constantes, para que os sinais sejam fixados.

Durante a entrevista coletiva, por meio de algumas falas e manifestações, pôde-se perceber que alguns alunos não tinham o interesse/incentivo em ir conversar com o discente Surdo. Alguns por timidez, outros por desapego, mas ao longo do curso todos tinham conversado com o ES, pois durante o processo foram se rompendo barreiras, seja da timidez, do medo em errar, da falta de conhecimento, demonstrando a importância do curso de LIBRAS e de discutir sobre as necessidades especiais em sala, os alunos foram se conscientizando da importância da inclusão. Durante o curso, muitos alunos perceberam como o aluno Surdo se sentia, isolado em relação à turma, realidade que atualmente é bem diferente: o mesmo já dialoga com os alunos e estes têm esse olhar de preocupação e empatia por ele.

Percebemos isso pela fala do discente 38: *“Eu entendo mais ou menos o que ele fala agora, mas antes, quando cheguei, eu nem tinha comunicação com ele, porque eu não entendia nada”*. A maioria dos alunos relataram que não iam conversar com o estudante

Surdo por vergonha de não entender e medo de não saber o que fazer diante da situação. Mesmo com a ajuda da intérprete, eles não se sentiam à vontade para tomar a iniciativa em dialogar, o que mudou com o curso de LIBRAS, pois, com o conhecimento básico, eles já têm autonomia em responder coisas simples ou desenvolverem pequenos diálogos, interagindo mais entre si.

O estudante Surdo também relatou com quem conversava antes e como era a sua relação de diálogo em sala *“Normalmente eu ficava sentado sozinho, só conversava com a professora Intérprete 1, ela me ensinava conteúdo, algumas palavras, os sinais das coisas. Agora está ótimo, estou amando e muito animado, até fico emocionado”*.

O estudante Surdo encontra-se motivado e incluso, pois agora há conversação com os outros alunos e o interesse em ir dialogar com ele. Essa inserção é fundamental para o processo de ensino, pois o estudante tem que se sentir pertencente àquele grupo. O fator motivacional é essencial dentro da construção do conhecimento cognoscível. Isso fica bastante claro também em outra fala do estudante Surdo que diz: *“seria interessante na hora do intervalo, eu tentar conversar com eles, mostrar os sinais, da forma que deve ser feito. Posso ajudar, para conseguirmos nos comunicar melhor. Eu posso ajudar”*.

O aluno Surdo se sente tão interessado no aprendizado dos demais que se dispõe a ajudar os outros estudantes com o ensino de LIBRAS. Realidade que antes não existia, por não haver intimidade com os colegas. Esse processo de interação, principalmente de iniciativas espontâneas e em contextos diferentes da sala de aula (cantina, pátio), é fundamental para fortalecer não somente a relação discente-Surdo, como também a própria LIBRAS.

Com os conhecimentos básicos adquiridos, o fator mais relevante elencado durante a conversa com a pesquisadora é ter o contato com o Surdo para praticar a conversação, pois só com os momentos em sala pode não ser suficiente para a fixação e domínio da Língua de Sinais. De acordo com a fala de P1: *Eu já sabia um pouco de LIBRAS. Aprendi quando fui morar com meu tio, pois a minha tia é surda, mas não mora em Ariquemes. Tem vários sinais que eu não conhecia que aprendi com o aplicativo e com o curso.* Alguns alunos da turma já tinham contato com surdos, o que facilita e auxilia no aprendizado de LIBRAS, pois ter contato com a Comunidade Surda é uma condição que contribui para a fixação e a ampliação do uso da Língua de Sinais (BARAZZUTTI, 2012).

Durante o curso, foram apresentadas outras ferramentas como o aplicativo *Hand Talk*, como forma de auxiliar no ensino/aprendizado da LIBRAS. O aplicativo tem se mostrado muito eficiente no que diz respeito ao auxílio diante de dúvidas de alguns sinais, no entanto, o



contato com a comunidade surda é indispensável para o aprimoramento da língua e a inclusão escolar e social mais efetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora muita coisa tenha mudado desde a Grécia Antiga, a exclusão social dos surdos ainda é a regra e não a exceção. Atualmente, vivemos uma silenciosa segregação social, que apesar de grandes avanços no sentido da efetivação da garantia de direitos, os surdos ainda vivem isolados da maioria da população, falando uma Língua não conhecida a maior parte dos ouvintes. Romper com o paradigma da segregação é ir além da garantia de uma Educação de qualidade para os surdos, é também promover um Sistema Educacional bilíngue de qualidade que seja universal e gratuito, ou seja, que seja capaz de favorecer o processo educacional familiarizando a todos com a Língua Brasileira de Sinais.

No Brasil, percebe-se que mesmo existindo leis que tratam dessa temática, a sociedade ainda observa a pessoa surda como um problema e não direciona a mesma criticidade a estrutura social e educacional que não trabalha objetivamente para resolver as necessidades desse público. Isto limita e dificulta a eficiência de um processo de inclusão social aumentando as distâncias entre a comunidade surda e ouvinte.

É interessante perceber o paradoxo vivenciado pelos Surdos que em virtude de terem que conviver com uma sociedade mono linguística acabam se tornando estrangeiros em sua própria pátria se tornando isolados dos grupos sociais que os cercam mesmo diante de relacionamentos sociáveis e amigáveis em seu cotidiano. Nesta pesquisa foi possível perceber que entre os alunos ouvintes existe uma grande empatia e curiosidade em aprender mais sobre o multiculturalismo das pessoas surdas. Salvo raras exceções, não verificou indiferença em relação à proposta de aprendizado da Língua Brasileira de Sinais, pelo contrário, podemos perceber certo entusiasmo com as aulas e verificar um rápido aprendizado dos participantes ouvintes.

Embora tenha-se aferido tais constatações, pode-se afirmar que um dos fatores que inviabilizam a inclusão escolar/social do estudante surdo consiste no fato de que nenhum dos estudantes sabe Libras, o que limita a interação do estudante surdo exclusivamente à intérprete e com os surdos de outras salas. Trata-se de brasileiros estrangeiros nascidos no Brasil que vivem isolados de outros brasileiros em virtude de uma grave falha no processo comunicativo.



A escola precisa fornecer alternativas que possam capacitar o aluno Surdo para uma autonomia comunicativa em relação a todos na escola, não somente com o intérprete. O ensino de Libras é uma dessas alternativas, propiciando que o aluno Surdo se comunique com as outras pessoas do ambiente escolar e estes possam compreendê-los e interagir de volta. Por meio das falas dos alunos e da coordenação é possível comprovar a importância do curso para a inclusão do aluno Surdo, pois possibilitou a comunicação e interação com os outros alunos ouvintes, fazendo com que se sinta pertencente àquele grupo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Ed. Edições 70, Lisboa, 1977.

BARAZZUTTI, V. **A desconstrução da oposição entre surdos e ouvintes a partir da (des)territorialização do intérprete de língua de sinais [dissertação]** / Viviane Barazzutti ; orientadora, Ronice Müller de Quadros. - Florianópolis, SC, 2012. 117 p.

BUENO, José Geraldo Silveira. **Educação especial brasileira: integração/ segregação do aluno diferente**. São Paulo: Educ, 1993.

_____, J. G. S. **A educação especial e a produção de conhecimento: algumas considerações críticas**. Integração, Brasília, DF, ano 5, n. 14, 1994.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FUKUSHIMA, Cecília Sueko Miiyake. **Caminhos para a inclusão dos Surdos na Educação de Jovens e Adultos: Ouvintes Falando com as mãos/Libras**. 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/artigos_edespecial/ceciliasueko.pdf>. Acesso em 15/08/2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GÓIS, Otovanilda Umbelina de Carvalho; **A Intercomunicação Entre Alunos Surdos E Ouvintes No Ambiente Escolar Mediante O Uso De Diferentes Linguagens. II Congresso Internacional De Educação Inclusiva**. 2016. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_MD1_SA7_ID3776_21102016185928.pdf>. Acesso em 13/08/2021.



GOMES, R. A. L. **A comunicação como direito humano: um conceito em construção.** 2007. 206 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

JANNUZZI, G. S. M. A. **Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2004, 243p.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. **A inclusão escolar de alunos Surdos : o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência.** Campinas: Cad. Cedes, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a04v2669.pdf>>. Acesso em 15/08/2021.

LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. (org.). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização.** Porto Alegre: Mediação, 2014.

OLIVEIRA, L. A. **Fundamentos Históricos, Biológicos e Legais da Surdez.** / Liliane Assumpção Oliveira. Curitiba: IESDE Brasil S.A. 2011 152 p.

OMOTE, Sadao. Normalização, integração, inclusão. **Ponto de Vista**, Marília, v. 1, n. 1, p.4-13, jul. 1999.

PERLIN, G. “Identidades Surdas”. In: SKLIAR, C. (org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

PIETRO, Rosângela Gavioli (Org.); MANTOAN, Maria Teresa Eglér; ARANTES, Valéria Amorim. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2006.

SCHELLES, S. A importância da linguagem não-verbal nas relações de liderança nas organizações. **Revista Esfera**, Brasília, n. 1, p. 1-8, 2008.

SILVA, Claudio Nei Nascimento da; GOMES, Karla Viviane Veloso. A RELAÇÃO SURDO-OUVINTE E SEU IMPACTO NA INCLUSÃO DE ESTUDANTES Surdos : Um estudo a partir da percepção dos intérpretes de Libras. **REVISTA EDUCAÇÃO, ARTES E INCLUSÃO.** 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/download/11535/pdf>>. Acesso em 13/08/2021.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** – São Paulo: Cortez, 2008.

_____, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** São Paulo: Cortez, 1985.

VASCONCELOS, Tony Alef de Souza. **Revista Semiárido De Visu**, v. 4, n. 2, p. 70-76, 2016 | ISSN 2237-1966. Disponível em: < <https://periodicos.ifsertao-pe.edu.br/ojs2/index.php/revista/article/viewFile/245/164>>. Acesso em 13/08/2021.